



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para o jornal Diário do Grande ABC

Palácio do Planalto, 23 de abril de 2008

Jornalista: Vamos começar falando um pouco de política nacional, economia, e depois vamos cair para o lado mais regional. Vamos começar falando do assunto do momento, não é, Presidente, essa questão de Itaipu. Contanto que o senhor fale também dessa informação. Afinal, o Brasil vai renegociar a tarifa de energia elétrica com o Paraguai?

Presidente: Eu acho que é uma discussão mal colocada. Eu penso que nós deveríamos separar essa discussão. Primeiro, a questão eleitoral. O Paraguai acaba de eleger um presidente, o companheiro Lugo conseguiu derrotar uma hegemonia de 60 anos do partido Colorado, o que é uma coisa importante, como alternância de poder, para a sustentabilidade da democracia paraguaia. E o companheiro Lugo foi eleito com o discurso de que é preciso fazer ajustes para que Itaipu possa prestar os benefícios que os paraguaios entendem que Itaipu deve prestar. Até ai é normal, faz parte da disputa política, faz parte dos discursos que cada um de nós faz durante uma campanha.

Qual é a realidade? A realidade é que nós temos um tratado. Esse tratado diz claramente que o Paraguai tem 50% de toda a energia produzida em Itaipu. Enquanto o Paraguai não utiliza essa energia, ele tem que vender prioritariamente a energia excedente para o Brasil. Esse é o tratado. E é isso que nós não queremos mudar: a prioridade é de que a energia seja vendida para o Brasil. Até que o Paraguai se torne um país industrializado, que faça as linhas de transmissão e que possa utilizar essa energia, ele vai ter exatamente 50% de toda energia e vai vender pelo preço que entender que seja correto e justo. Então, é isso que nós não queremos mudar: é o tratado, e a preferência



que o Brasil, que construiu Itaipu, tem sobre a compra da energia paraguaia, até que o Paraguai possa utilizar toda a sua energia. Aí, se discute a questão do reajuste de tarifa. Obviamente que não existe nada que não seja possível negociar, em política. Se o Paraguai e o Brasil provarem que o preço da energia no Paraguai está aquém daquilo que o Brasil deveria pagar, eu não vejo problema de a gente discutir. Agora, é preciso saber com base em quê?

Durante a campanha no Paraguai, se trabalhou muito a comparação megawat/hora com petróleo. Não é possível. São duas energias totalmente distintas e eu não posso transformar o megawat em barril de petróleo. Agora, como eu estou torcendo para que o companheiro Lugo faça o melhor governo do Paraguai possível, e como eu estou torcendo para que o povo do Paraguai possa ter uma ascensão, a partir de agora, com os compromissos que o Lugo assumiu, acho que o Brasil tem responsabilidade em ajudar o desenvolvimento do Paraguai, em fazer com que as indústrias brasileiras se implantem lá para que o Paraguai possa ter, efetivamente, um processo de desenvolvimento que melhore a vida daquele povo. Como eu sou um otimista e estou torcendo para que o Paraguai viva melhor do que está vivendo, tudo aquilo que for possível fazer para ajudar o Paraguai, nós vamos fazer. Afinal de contas, é da responsabilidade do Brasil cuidar para que os seus vizinhos mais pobres tenham possibilidade de se desenvolver, porque não interessa ao Brasil ser um País que cresça muito economicamente e tenha, em volta de si, países que não crescem e com problemas sociais enormes.

Agora, tudo isso, nós temos que respeitar a soberania de cada país. Eu respeitarei a soberania do Paraguai em toda a sua plenitude, e certamente o Paraguai respeitará a soberania brasileira. A partir daí, nós temos um leque de assuntos para discutir, de coisas que podem ser feitas e que não foram feitas ainda, de coisas que muitas vezes não aconteceram por causa da burocracia do Paraguai e por causa da burocracia brasileira. Eu telefonei ontem ao Lugo e disse: Lugo, assim que você quiser, pode vir ao Brasil que nós poderemos



conversar. Eu acho que a eleição dele foi uma coisa extremamente importante para o Paraguai e o Brasil vai dar a sua contribuição naquilo que for possível.

Jornalista: O senhor não teme um novo episódio como o da Bolívia?

Presidente: Não, não temo. Não temo um novo episódio até porque eu acho que o que aconteceu na Bolívia era previsível, diferentemente do Paraguai, porque na Bolívia nós estávamos falando de gás. Todos os Estados que têm gás viraram donos do gás. Se você pegar a história dos países que produzem petróleo, no mundo, todos eles tiveram guerras enormes para estatizar o seu petróleo e o seu gás. Era normal que fosse acontecer na Bolívia, eu concordei, apesar que alguns no Brasil quisesses que eu fosse agressivo com a Bolívia. Eu entendia que era um direito da Bolívia querer ser dona do seu gás, era um direito da Bolívia, como era um direito da Bolívia ser dona do seu petróleo, como é um direito do Brasil ser dono do seu.

Agora, Itaipu é diferente. Itaipu não é um poço de petróleo, é uma fábrica de produzir energia feita em um rio que divide os dois países, financiada pelo Brasil, que tem o seu desfecho em 2023, quando então nós deixaremos de pagar Itaipu e o Paraguai então, terá 50%. Hoje, o Paraguai deverá receber mais de 2 bilhões de reais por conta do fim do pagamento da dívida.

Agora, mais importante do que receber dinheiro, eu estou convencido de que o Paraguai precisa se desenvolver industrialmente, precisa aperfeiçoar a agricultura, ser mais moderna, ter indústrias importantes produzindo lá. Esse é um desafio em que nós queremos contribuir com o Paraguai, para que empresas brasileiras se implantem lá e vendam para o Brasil. A responsabilidade maior é do Brasil, é importante que a gente tenha em conta. A maior responsabilidade pela tranquilidade do continente sempre será do Brasil, porque é o país mais industrializado, porque é a maior economia, porque tem a maior população. Portanto, sobre os maiores pesam mais responsabilidades.



Jornalista: Presidente, por conta disso, justamente pelo peso do Brasil, e o Brasil atualmente está entrando na moda, como dizem os analistas, é que o Brasil tem levado tanta bordoadada por causa do biocombustível. É responsável por crime ambiental, é responsável por crime contra a humanidade...

Presidente: Eu sempre faço analogia com o futebol. Quando entram dois times em campo e tem um jogador que não é conhecido, que não é bom de bola, não é famoso, ninguém faz falta nele, ninguém encosta nele. Agora, quando o cidadão começa a ficar bom de bola, ele mal pega na bola e alguém lhe dá uma botinada para não deixá-lo fazer um gol. O que acontece é que o Brasil deixou de ser coadjuvante. O Brasil é um dos maiores exportadores de minério do mundo, o Brasil é o maior exportador de suco de laranja, de soja, de café, de carne. O Brasil é um grande exportador de avião. O Brasil, hoje, é levado em conta não pela sua extensão territorial, o Brasil é levado em conta porque o Brasil é competitivo em várias áreas.

Quando nós apresentamos ao mundo o biocombustível, como uma solução para evitar a emissão de CO², obviamente que nós iríamos arrumar adversários. Primeiro, as empresas petroleiras não têm nenhum interesse que tenha um outro combustível a não ser o petróleo. Segundo, os países que já estão arrumados. As pessoas que têm a sua agricultura bem-arrumada, que têm a sua indústria bem-arrumada, não querem mudança. Para que mudar? As pessoas nem reclamam do preço do petróleo. Aí aparece o Brasil, que a vida inteira foi tratado como um país de Terceiro Mundo, e apresenta ao mundo um combustível renovável, seqüestrador de carbono, gerador de empregos e não emissor de CO². Era tudo que o mundo queria, até para cumprir o Protocolo de Quioto. Aí, quando nós apresentamos, o que acontece? Eles começam a criar uma sobretaxa muito alta para o álcool brasileiro, que não cobram do petróleo, porque se os países importadores de petróleo cobrassem a mesma taxa, a



mesma tarifa de importação, do petróleo, que cobram do álcool, o álcool seria mais competitivo. Para o petróleo, zero de tarifa; para o álcool, tudo de tarifa. Isso não me assunta porque é uma briga que eu adoro fazer. É uma briga que eu acho que o Brasil, os empresários brasileiros, a imprensa brasileira, todo mundo tem que fazer diariamente. Senão, nós vamos terminar mais um século e quem era rico vai ficar mais rico, e quem era pobre, vai ficar mais pobre. Quando eu penso na questão do álcool e na questão do biodiesel, eu não penso na Europa como produtora, eu não penso no Japão como produtor, eu penso neles como consumidores. Os produtores têm que ser os países africanos, os produtores têm que ser os países da América Latina, do Caribe, países asiáticos têm condições de plantar. Agora mesmo eu participei da assinatura de um acordo em Gana, em que empresários brasileiros vão produzir 150 milhões de litros de álcool por ano, para exportar para a Suécia, no primeiro contrato de longo prazo feito na questão do álcool. Então, que nós vamos ter adversários, nós vamos ter, e eu acho que é uma briga boa. Eu nem ia ao Congresso da FAO em Roma, no dia 3 de junho e agora estou indo. Eu estou indo porque começaram a jogar a culpa do aumento dos alimentos no biodiesel, quando nenhum país produz biodiesel. Então, não há nenhum sentido. O único país que produz é o Brasil, em mais escala, e a nossa produção de grãos tem aumentado a cada ano, não tem diminuído. Nós queremos provar que não é incompatível produzir biodiesel e alimento.

Por que nós temos uma crise de alimentos? Se a gente quiser pegar, como eles fazem conosco, quanto é que o preço do petróleo implica no custo do alimento com frete, quanto é que o preço do petróleo implica no custo do alimento e na produção de fertilizantes? Apenas esses dois itens. Na medida em que você tem um mundo crescendo economicamente, mais chineses comendo, mais indianos comendo, mais africanos comendo, mais latino-americanos comendo, mais brasileiros comendo... Porque essa é a verdade, uma parte da camada pobre começou a ter ascensão a coisas que há 5, 10



anos não tinha, e a produção de alimentos ficou estática, com exceção do Brasil. Então, o que nós precisamos fazer? Nós precisamos voltar a produzir alimentos. Eu digo até que é uma boa causa, porque tem uma inflação, a inflação incide sobre o preço de alimentos.

Eu agora vim de Gana, fui participar da Unctad, e vários países estão preocupados com o arroz, querendo comprar arroz do Brasil, que ainda tem estoque. Então, se o problema é o trigo, se o problema é o arroz, se o problema é o feijão, vamos produzir mais trigo, mais arroz e mais feijão. O que nós não podemos é pedir para os pobres deixarem de comer para sobrar comida para quem já comia antes. O que nós queremos é utilizar todo o potencial de terra agricultável que existe no mundo para plantar alimento e uma parte para plantar biocombustível, até porque os países pobres que não produzem nada, se plantarem biocombustíveis vão ter emprego e, portanto, vão ter salário, vão ter renda e vão poder comprar alimento. Essa é uma discussão que está na ordem do dia e é uma discussão que o Brasil tem que assumir.

Jornalista: Por que alguns países não entendem isso Presidente?

Presidente: Simplesmente porque é uma guerra comercial. Por exemplo, tem país que era exportador de carne e que diz que o zebu brasileiro não é boi. Tem outro que diz que nós estamos plantando cana na Amazônia. As pessoas têm pouca dimensão do que é o Brasil. Dos 851 milhões de hectares de terra que tem o Brasil, 360 milhões de hectares são a Amazônia. Ali não tem cana, ali não tem soja. Acontece que nós temos 400 milhões de terras agricultáveis, só de pasto para ser recuperado tem 60 milhões de hectares, que é mais do que qualquer país da Europa tem, e isso incomoda. Nós vamos continuar brigando, o Brasil vai ser agressivo. Obviamente que tudo começou por conta da produção de etanol de milho feito pelos americanos, e eu acho um absurdo



alguém produzir biodiesel ou álcool de ração animal. Eu acho que não é necessário. Os Estados Unidos poderiam produzir cana em todos os países do Caribe, da América Central, poderiam produzir biodiesel e importar, o que geraria renda para esses países. Então, é uma discussão que está se iniciando, é apenas o começo de uma batalha internacional, que nós esperamos que dê bons frutos ao Brasil.

Nós estamos na Rodada de Doha, na OMC, negociando e estamos dizendo: vocês querem melhorar a produção de alimentos no mundo? Flexibilizem os preços dos produtos alimentares, para que os países pobres possam vender para vocês. Vocês fecham o mercado de vocês, vocês subsidiam os seus agricultores. Então, os países pobres que poderiam produzir se sentem desestimulados a produzir porque não têm para quem vender. Em muitos países da Europa fica mais barato ter uma terra e não produzir nada ou criar meia dúzia de vacas e não produzir um litro de leite, do que produzir. Eles são financiados para isso.

Então, eu tenho provocado a discussão de que é importante, quando se trata de etanol e biodiesel, olhar o continente africano, que não pode ficar mais um século no esquecimento.

Jornalista: Presidente, mas no caso do Brasil. Como convencer o dono de terra a não plantar cana e plantar alimento? Porque a terra da cana está supervalorizada?

Presidente: Mas é que não precisa. Se tem um problema que não deve afligir os brasileiros é essa incompatibilidade de terra de produzir alimento e terra de produzir cana. Dos 440 milhões de hectares de terra que nós temos, agricultáveis, a cana ocupa apenas 1%. Não tem nenhum país do mundo que tem a quantidade de terra boa para a agricultura, disponível, que tem o Brasil. Poucos países têm a quantidade de sol, por ano, que tem o Brasil. Portanto, a



capacidade de fazer fotossíntese que o Brasil tem, outros países não têm. Tudo isso é vantagem comparativa para o Brasil. Quando você estiver produzindo biodiesel de pinhão-mansão, você pode ter intercalar com a produção de feijão, com a produção de milho. Quando você tiver produção de mamona, você pode intercalar. Não existe nenhum problema.

O dado concreto é que o Brasil é o país que mais produz biodiesel hoje e é o país que mais produz grãos hoje, continua crescendo. O que não falta para nós é terra para produzir alimento, para criar gado, para produzir biocombustíveis.

Jornalista: Nesse momento, justamente, em que a guerra está começando, como evitar que a comida deixe de ser barata? Nós temos o preço do feijão subindo, o problema do trigo, agora, com a Argentina fechando a entrega para o Brasil, o pãozinho querendo subir...

Presidente: Nós precisamos ter em conta também o seguinte. De vez em quando tem problemas de intempéries. Nós tivemos uma crise agrícola muito séria na Austrália e o resultado disso é menos alimentos na mesa. Nós tivemos aqui no Brasil uma seca muito grande na região de Irecê. O Paraná diminuiu em quase 30% a produção de feijão, no ano passado. Tudo isso contribui para que o preço de determinado produto suba. Na hora em que tem um crescimento de demanda e a oferta diminui, o preço aumenta. Na hora em que tem uma oferta maior e uma demanda menor, o preço cai. Nós não queremos nem que o produtor seja prejudicado com preço pequeno e nem que o consumidor seja prejudicado com o preço alto. Nós precisamos encontrar um equilíbrio para que o produtor receba o justo e o consumidor pague o justo.

Eu acho que esse desequilíbrio que está acontecendo agora, que é mundial em todos os países – do Chile à China o alimento está causando problema na inflação – eu diria que é como se fosse aquele colesterol bom.



Você tem colesterol, mas sabe que pode curá-lo. Por quê? Porque agora todos nós estamos sendo chamados a produzir mais.

Eu agora estou convocando uma reunião com os ministros da Fazenda, da Agricultura, do MDA, para a gente discutir uma estratégia para a agricultura brasileira, para que possa ter uma inserção cada vez maior no mundo. Eu nasci aprendendo que o Brasil seria o celeiro do mundo, ouvi isso durante a minha vida inteira. Pois bem, essa chance está se apresentando agora. Cabe a nós, agora, afiarmos a nossa ferramenta. Nós temos tecnologia, porque a Embrapa é um centro de excelência invejável para qualquer país do mundo, inauguramos um centro da Embrapa em Gana, que é para ajudar.

Eu estou convencido de que a savana africana tem a mesma espécie de solo que tem o Centro-Oeste brasileiro, o cerrado brasileiro. Então, é possível a gente fazer lá a revolução que nós fizemos aqui no Centro-Oeste. Montamos um escritório da Embrapa também em Caracas para tentar trazer para todos os países da América do Sul a tecnologia na agricultura tropical que o Brasil tem. Se é essa a revolução que vai ajudar a mudar o mundo, o Brasil está preparado para disputar, em condições vantajosas, essa possibilidade de ser o carro-chefe da revolução agrícola que o mundo tem que sofrer.

Jornalista: Como é que entra a reforma tributária nesse cenário, Presidente?

Presidente: Eu penso que a reforma tributária entra nesse cenário na medida em que ela vai tentar uniformizar uma política de tributo nacional, onde você termina com a guerra fiscal, onde você tem política de compensação para que possa reajustar as possíveis perdas dos estados, que poderão perder alguma coisa inicialmente. E obviamente que nós temos que ver a questão dos tributos agrícolas. Nós já desoneramos o feijão há algum tempo, agora vamos ver o efeito da desoneração do trigo. Eu acho que é o momento do Brasil. É até importante que tenham essas críticas agora, para o Brasil acordar, porque



senão a gente pensa que está jogando bem e daqui a pouco toma um gol pelas costas. Eu acho que está na hora de a gente ficar alerta, sabendo que nós temos potencial competitivo, temos o que ofertar ao mundo do ponto de vista de conhecimento e do ponto de vista de qualidade de produtos agrícolas, e temos o que ensinar ao mundo do ponto de vista de tecnologia. Eu acho que o momento é de reflexão, com viés de coisas boas para a frente, e não com viés de coisas ruins.

Jornalista: Acredita que a reforma tributária entre em vigor este ano?

Presidente: Eu gostaria que ela fosse aprovada este ano. Acho que ela precisa ser aprovada este ano. Acho que o Congresso tem que assumir esse compromisso, porque é uma necessidade. A gente não pode mais passar 10 ou 15 anos falando de política tributária. O projeto está lá, pode não ser o mais perfeito dos projetos, mas está lá. Que façam as emendas necessárias e que se aprove, para o Brasil parar de falar em política tributária e executar a política tributária.

Jornalista: O senhor estava falando, realmente do momento do Brasil... e foi mudando de tributária, mas a política monetária, que é uma das instituições que mais bem funcionam neste País. Houve agora há pouco a calibragem dos juros, mas a nata da indústria, principalmente São Paulo, reclama. Por que ela tem satisfação? Já sabiam que vinha esse meio ponto de aumento...

Presidente: Uma vez eu disse que aqui no Brasil nós temos uma coisa chamada tensão pré-Copom. Eu estou no segundo ano do meu segundo mandato e acompanhei a política econômica neste País, no governo Fernando Henrique Cardoso e em outros. Sobretudo, no governo Fernando Henrique Cardoso e no meu governo, toda vez que o Copom se reúne, dois dias ou uma



semana antes, aquilo vira uma tensão e dois dias depois. Normalmente os discursos são os mesmos, antes de depois. As pessoas que falam são as mesmas, antes e depois. Obviamente que, em sua consciência, ninguém quer o aumento de juros. Acho que nem o Meirelles, nem eu e nem vocês. Mas na medida em que a gente tem como um dos pilares da nossa política o controle da inflação, e eu também não vejo nenhum presidente de instituição empresarial acompanhar se os seus empresários estão ou não aumentando os preços... porque se não houvesse aumento de preço, não haveria inflação; não havendo inflação, não precisaria aumentar os juros. É uma lógica muito simples.

Agora, por que muitas vezes tem que aumentar os juros? Porque você olha para a frente, um ano ou dois anos, e percebe que a inflação pode perder o controle. Tem gente que fala: “se for de 6 para 7, não quer dizer nada”. Ora, mas se vai de 5 para 6, de 6 para 7, pode ir de 7 para 8, de 8 para 9, de 9 para 10 e aí você perde o controle quando ela chegar em dois dígitos. Então, enquanto nós pudermos controlar a inflação, nós vamos controlar. Por quê? Porque a inflação controlada é um ganho incomensurável para quem vive de salário neste País. Para os pobres, a inflação controlada é importante. Por isso é que nós vamos fazer qualquer coisa para manter a inflação baixa. E será muito melhor se a gente mantiver a inflação baixa com a economia crescendo, com os juros baixos e com empregos aparecendo. É muito melhor, mas se não for possível combinar todas as coisas boas e tiver que ter alguma coisinha ruim para a inflação ficar controlada, nós teremos que tomar algum remédio amargo em algum momento. Até porque eu não conheço remédio prazeroso, mesmo aquele mais simples para dor de cabeça. Seria melhor que você não tomasse, mas se tiver que tomar, vamos tomar.

O dado concreto é que o governo está imbuído do desejo e da convicção de que a economia precisa continuar crescendo, de que nós precisamos continuar exportando, de que a inflação precisa continuar baixa. E para isso



nós vamos ter que utilizar todos os mecanismos ao alcance do governo. Nesse momento foi o aumento da taxa de juros mas, quem sabe, daqui a alguns meses, não seja mais esse. Eu digo sempre o seguinte: toda economia que tem uma demanda muito forte, se a oferta não acompanhar o crescimento da demanda, tem um desbalanço. E aí o que acontece? Quando a oferta é menor do que a procura, você aumenta preço. Quando a oferta é maior do que a procura, diminui o preço. Então, vale o que eu falei da agricultura. Eu não quero que a gente produza demais e não tenha para quem vender. E não quero que tenha muita gente querendo comprar sem produto para vender. Eu quero que haja um equilíbrio. Eu acho que a gente vai alcançando esse equilíbrio com o tempo.

Se acontecerem todos os investimentos que foram previstos o ano passado e este ano... Quando você prevê um investimento, quando você vai construir uma nova fábrica, naquele primeiro momento em que você está construindo a fábrica, aquilo é aumento de consumo, não é aumento de produção. Então, esse aumento de consumo, que vai comprar mais madeira, que vai comprar mais cimento, que vai comprar mais telha, que vai comprar mais vidro, contribui para o crescimento da demanda. Somente quando a fábrica estiver pronta e começar a produzir é que ela vai contribuir ao contrário, vai aumentar a oferta. E tem muita coisa acontecendo no Brasil. Por exemplo, no final do ano passado eu recebi aqui um grupo de empresários anunciando a construção de 10 novas empresas de cimento no Brasil. A economia brasileira ficou sem crescer durante 26 anos, não se produzia cimento, e quando nós arrumamos a construção civil e ela começa a crescer, falta cimento. Então, o que tem que acontecer? Como você não pode importar, você tem que fazer novas fábricas de cimento. E estamos fazendo 10, neste momento, no Brasil.

Jornalista: Presidente, eu queria começar a abordar a questão regional, intercalando um pouco, falando de um tema importante. É que muito se



discute, o governador a (inaudível) o senhor também, a questão do trecho sul do Rodoanel. Houve muita reclamação de que o governo federal, durante muito tempo, não cedeu recursos para o Rodoanel, e o senhor previu no PAC R\$ 1 bilhão e 200, 300 milhões em cada ano. Eu pergunto para o senhor: por que se demorou tanto para que se destinasse esses recursos para o trecho Sul, ou é choradeira da oposição mesmo, que o governo federal...

Presidente: Primeiro, que você só pode dar dinheiro quando você tem, você não inventa dinheiro. Quando nós construímos o PAC, e nós resolvemos fazer este investimento, nós tratamos de ver onde localizar dinheiro para poder ter a somatória entre dinheiro de empresas públicas e dinheiro do orçamento, para a gente fazer os investimentos. E são R\$ 3 bilhões e 600 milhões previstos para o PAC, para o trecho Sul, para ordenar São Paulo.

Jornalista: Do trecho Sul?

Presidente: São 3 bilhões e 600 milhões de reais para o trecho Sul. E só foi possível porque nós conseguimos colocar no PAC uma visão estratégica de que o Rodoanel era uma peça importante e a União não poderia ficar de fora da construção de uma obra dessa magnitude. Até porque, quando eu terminar o meu mandato, eu vou voltar para São Bernardo. Eu não vou para outro lugar, eu vou voltar para São Bernardo. Eu acho que o Rodoanel vai resolver um problema crônico que já estava previsto há mais de 40 anos. Onde passa o Rodoanel, hoje, já esteve prevista uma ferrovia. Toda aquela área já tinha sido desapropriada na década de 60 ou 70, para fazer uma ferrovia que não foi feita. Então, o Rodoanel, nós queremos dar a nossa contribuição para que ele possa ser executado o mais rápido possível.

Jornalista: O governador falou recentemente, quando ele esteve no mês



passado em São Bernardo, que gostaria de antecipar para 2009. Ele disse que já tem os recursos. É possível que a União possa antecipar esses recursos também?

Presidente: É possível. O governo do estado tem um conselho gestor do PAC e nós temos um conselho gestor do PAC. Na hora em que o governador Serra quiser que os dois conselhos gestores se reúnam, nós poderemos deliberar para antecipar investimentos, para que a gente possa inaugurar em 2009. Certamente, para mim é bom inaugurar em 2009, para ele é bom e para o povo é melhor. O Rodoanel vai tirar os caminhões do centro de São Paulo, o que será um alívio extraordinário.

Jornalista: Um assunto importante é a questão de saúde lá, Presidente.

Jornalista: Deixe-me voltar só um pouquinho na história do PAC, porque realmente esse é o carro-chefe do segundo mandato, não é?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa: o PAC não é um projeto. O PAC é o maior investimento público em obras de infra-estrutura já feito nos últimos 30 anos, no Brasil. Se você analisar bem o Brasil, vai perceber o quê? O último governo que investiu em infra-estrutura foi o governo Geisel. E por conta dos investimentos, nós contraímos a dívida externa monumental e, depois, passamos vários anos comendo “o pão que o diabo amassou” para pagar a dívida externa. Tinha dólar fácil, o Geisel tomou muito dinheiro emprestado, depois os juros subiram de 3% ou 4% para 21%, atolou o Brasil, nós ficamos quase 20 anos perdidos na dívida externa e não se investiu mais em infra-estrutura. Você pode pegar os governos que vieram depois do Geisel e ver quantas obras de infra-estrutura foram feitas no País.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: E não é por causa do governo, não. Não é por causa deste ou daquele governo, é porque a situação do País era melancólica. Você está lembrado que o Sarney foi obrigado, com o Funaro, a fazer moratória. E fizeram a moratória quando tínhamos apenas 8 bilhões de dólares de reservas. Todos os governos que sucederam o Geisel, até o Figueiredo, tiveram que governar para pagar a dívida contraída para aquele investimento que foi feito pelo governo Geisel. Nós, agora, estamos numa situação infinitamente melhor e mais tranqüila. Por quê? Porque não temos dívida externa, as nossas reservas são maiores do que a dívida que nós temos, portanto, nós somos credores internacionais. E mais importante do que isso: nós estamos fazendo essas obras com o nosso dinheiro e com o dinheiro da empresas públicas que têm hoje dinheiro para fazer investimentos. Então, esse é um momento rico para o Brasil. O que nós estamos fazendo em rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, dragagem de portos, na educação, o que nós estamos fazendo de política social é uma coisa que se o Brasil tivesse feito há 30 anos a gente não teria a situação que nós temos hoje. São muitos investimentos...

Jornalista: Teria condições para fazer há 30 anos, justamente porque o Brasil estava submerso em uma crise interna violenta?

Presidente: Vamos lembrar que o Brasil, durante 50 anos, foi o país que mais cresceu no mundo.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Vamos lembrar que o Brasil cresceu, em média, mais de 7% ao ano e no “Milagre Brasileiro” chegou a crescer a 14%, 10%, 11%. Ora, é que



não havia prioridade de uma combinação entre o crescimento econômico e uma política social forte para que se pudesse fazer os pobres do País ascenderem à escala das classes sociais do Brasil. Nós estamos fazendo e estamos apenas começando. O que nós estamos querendo é preparar o Brasil para que ele não volte mais atrás, que quem vier depois de nós tenha passos seguintes a serem dados e não tenha que retroceder no degrau da escada social neste País.

Nós exportávamos 60 bilhões de dólares e estamos exportando 165 bilhões de dólares com a mesma infra-estrutura. Então, a infra-estrutura passa a ser prioritária, porque o Brasil tinha ficado estagnado. O que nós estamos fazendo de ferrovias neste mandato não foi feito nos últimos 20 anos. E estamos fazendo ferrovias porque compreendemos que é extremamente urgente dotar o Brasil de um sistema moderno de escoamento da nossa produção e de recebimento da produção que nós importamos.

Jornalista: Isso significa que, embora voltando ao lado dos pessimistas, que dizem que este momento do Brasil, principalmente econômico, não se trata de uma bolha? Não é uma bolha, não é?

Presidente: Não é uma bolha.

Jornalista: O ABC, nos últimos 10 anos, teve uma perda de 80 mil empregos, várias empresas foram...

Presidente: Vocês são do ABC e eu poderia citar o ABC como exemplo. Meus companheiros, eu fui um bom dirigente sindical no Brasil. Fiz, talvez, os mais importantes movimentos que aconteceram na década de 70 e na década de 80. A gente fazia greve de 41 dias e não ganhava um centavo de aumento real. Hoje, 90% dos trabalhadores fazem acordos acima da inflação, com aumento



real. A indústria automobilística ficou quase 12 anos sem contratar uma pessoa.

Jornalista: Exatamente.

Presidente: É só ver o comércio do ABC, as indústrias do ABC, a quantidade de empregos que foram gerados no ABC, que a gente vai notar que as coisas estão melhorando. O crescimento da indústria automobilística... eu passei 20 anos da minha vida vendo a indústria automobilística, todo ano, dizer que estava fechando em vermelho, estava fechando em vermelho. Qual foi o milagre que aconteceu? O milagre é que nós criamos uma palavra mágica chamada crédito. Aumentamos a quantidade de meses para as pessoas pagarem a prestação do seu carro, porque uma parte do povo pobre não olha o custo final do produto, olha se a prestação cabe dentro do seu holerite. E, hoje, a indústria automobilística está produzindo recorde atrás de recorde para vender carros. A Ford vai ter que fazer uma nova fábrica, a Volkswagen vai ter que fazer investimentos e todas elas vão ter que fazer investimentos. E é isso que eu desejo: que o Brasil possa fazer com que as fábricas cresçam, os empregos cresçam, o consumo cresça, a renda cresça e o povo viva mais dignamente. É para isso que eu queria ser presidente da República.

Aí, as pessoas falam: “Ah, mas o Lula tem sorte.” Graças a Deus eu tenho sorte porque, de azar, chega o Corinthians. Não é, gente?

Jornalista: Vamos mudar de assunto, senhor Presidente. O senhor falou do ABC, realmente a sua história é o sindicalismo. Há pouco tempo, foram aprovadas as centrais sindicais e, realmente, por sua determinação, com um veto que as contas do sindicato não poderiam ser analisadas pelo Tribunal de Conta da União. Isso não é pouco daquele peleguismo contra o qual o senhor tanto batalhava na sua época de sindicalista?



Presidente: Não. Se você pegar a minha história sindical, você vai perceber que eu pautava a minha vida pelas palavras “liberdade” e “autonomia sindical”. Tudo aquilo que for verba federal para o movimento sindical, a Controladoria-Geral da República pode fiscalizar, como fiscalizamos as prefeituras. O que nós não podemos é permitir que o Tribunal de Contas da União tenha ingerência dentro da contabilidade sindical. Esse foi o meu discurso a vida inteira. Eu quero é que os trabalhadores adquiram condições de fiscalizar as contas de seu sindicato. O sindicato tem conselho fiscal, o sindicato convoca assembléia para prestação de contas. Que os trabalhadores comecem a se preparar para fiscalizar. Por que eu vou permitir ingerência do governo dentro do movimento sindical? Eu passei a minha vida brigando por isso.

Jornalista: Mas mudou muito a mentalidade do sindicalismo. Hoje está cheio de sindicatos fantasmas, sindicatos familiares...

Presidente: Mas não é culpa do governo e nem é culpa do... É culpa de uma estrutura. Nós tentamos fazer uma mudança, criamos um grupo de trabalho entre trabalhadores, empresários e governo, para ver se a gente mudava a estrutura sindical. Eles não se põem de acordo. Se eles não se põem de acordo, como eu não tenho um decreto supremo, eu não posso fazer por minha conta, eu sou obrigado a aceitar as regras do jogo democrático. Eu gostaria que a estrutura sindical brasileira mudasse, mas eles não querem. Eu vou fazer o quê? Agora, permitir que o governo tenha ingerência dentro do sindicato, eu não permitirei porque eu briguei muito contra isso. Aliás, eu fui vítima disso. Eu fui cassado duas vezes, vasculharam a conta do sindicato, o que podiam e o que não podiam. Eu acho que os trabalhadores é que têm que tomar conta do dinheiro do sindicato. Se tiver um diretor pelego no sindicato, que os trabalhadores o tirem, é um processo de educação. Agora, achar que um órgão



federal vai descer lá embaixo e meter o dedo no sindicato, eu sou contra.

Jornalista: Aliás, segunda-feira fez 30 anos da reeleição do senhor no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, 21 de abril de 1978. O senhor foi reeleito.

Presidente: 21 de abril?

Jornalista: Não foi?

Presidente: Não.

Jornalista: Que o senhor tomou posse?

Presidente: Não, 21 de abril é feriado, como é que eu poderia tomar posse dia no 21 de abril?

Jornalista: Bom, foi no dia 22, então. Enfim, acho que foi no dia 22 que o senhor tomou posse. Está no Diário, inclusive. O Ademir Médici... Tem uma foto do senhor com bigode.

Presidente: Já faz tempo.

Jornalista: Eu estava falando de saúde, Presidente, para dizer de leitos do SUS do Grande ABC. É uma região que tem uma média muito abaixo do estado, que já não é uma média alta. A média do estado é de 1,97 leito para cada mil habitantes. Na região, a melhor é de Diadema, que tem 1,21 leito por mil habitantes. Rio Grande da Serra, por exemplo, não tem nenhum leito. Dá para mudar isso, Presidente, em um cenário a médio prazo?



Presidente: Olha, tanto dá para mudar que nós tínhamos feito o PAC da Saúde. Acordamos, com a aprovação, que o PAC da Saúde deveria ser feito concomitantemente com a regulamentação da Emenda 29, que determina um percentual do PIB para a Saúde. E tínhamos colocado 24 bilhões de reais a mais na Saúde, para que a gente pudesse resolver todos os gargalos da Saúde.

O que aconteceu? A oposição, PSDB e PFL, resolveram derrotar a CPMF. Conclusão? Tiraram o programa de saúde que nós havíamos lançado. Nós, agora, estamos trabalhando para ver se é possível a gente reconstruir uma política que possa melhorar a questão da saúde no Brasil. E melhorar a saúde significa mais investimento, significa mais leitos, significa mais médicos, significa mais enfermeiros, significa mais agentes de saúde.

Eu quero levar a saúde para a escola. Eu acho que todas as crianças, quando entram na escola, têm que fazer exame de oftalmologia, têm que fazer os dentes. Nós já tivemos isso, na década de 60, por que não pode ter agora?

Agora, tudo isso estava previsto no PAC da Saúde, que foi temporariamente suspenso por conta da derrota da CPMF.

Jornalista: Então significa que...

Presidente: Significa que no mês que vem eu vou a Diadema inaugurar o “Quarteirão da Saúde”.

Jornalista: O senhor vai? Quando?

Presidente: No mês que vem.

Jornalista: Eu sei que é maio, mas não tem uma data fixa, não é?



Presidente: Não tem data, mas vai ter uma data ainda.

Jornalista: O senhor vai?

Presidente: Vou.

Jornalista: O senhor vai lá?

Presidente: Vou.

_____ : Dez de junho.

Presidente: Dez de junho?

_____ : Porque casa com um também, o de Campinas, o Ouro, então vai ser o Dia da Saúde. Quarteirão e o Ouro Verde.

Jornalista: O prefeito Filippi está dizendo que quando o senhor realmente for para lá, vai passar um dia governando direto de Diadema, é isso?

Presidente: Você sabe que eu tenho ido pouco ao ABC, essa é a verdade. Como eu sou de lá e, muitas vezes, a gente pensa que pelo fato de ser de lá, e eu vou, a cada 30 dias, para casa e fico trancado dentro do apartamento. Eu não tenho ido ao ABC como tenho ido a outros lugares, inaugurar obras e fazer coisas.

Eu tenho o PAC, no ABC. O PAC tem 434 milhões de reais, no ABC, para saneamento básico. Só em Santo André são 180 milhões; São Bernardo, 125 milhões; Diadema, 105 milhões. Esses três municípios foram os que mais



apresentaram projeto.

Porque no PAC aconteceu uma coisa importante. Ao invés de os prefeitos entrarem naquela fila pedindo dinheiro, nós mapeamos quais eram os principais projetos de urbanização de favela e saneamento básico, chamamos todos os prefeitos e o governador de cada estado, e firmamos um acordo.

Então, por exemplo, os prefeitos que tinham projetos, nós acoplamos. Então, Santo André era o que tinha mais projeto, depois São Bernardo e, depois, Diadema. São Caetano tem pouco problema de urbanização de favela; Mauá não tinha projeto de saneamento básico, tinha só de habitação, 13 milhões; e Ribeirão Pires, que tinha 10 milhões de saneamento básico. Ao todo são, entre saneamento básico e habitação, 633 milhões para o ABC.

Jornalista: Até 2010?

Presidente: Até 2010. Não é fácil gastar 633 milhões. É muito dinheiro para gastar, e dá muito trabalho.

Jornalista: Aliás, o senhor falou das poucas vezes que foi ao Grande ABC. Uma das últimas vezes em que o senhor esteve, em setembro do ano passado, o senhor foi visitar as obras da UFABC, em Santo André, o senhor lembra? E o senhor disse lá, no evento, que gostaria que a UFABC fosse inaugurada no dia 27 de setembro deste ano. O senhor falou: “seria legal que fosse inaugurado nessa data”. Só que essa data significa oito dias antes da eleição municipal. O senhor acha que uma inauguração nessa data não ia acabar servindo como vitrine para os candidatos petistas?

Presidente: Mas ela vai ser inaugurada antes.

Jornalista: Antes de setembro?



Presidente: Ela vai ser inaugurada antes. Veja, o problema é que ela tem vários módulos. Era para eu ter ido inaugurar no mês passado o primeiro módulo da Universidade Federal do ABC. Não fui por conta do Habite-se. Nós não conseguimos montar o elevador, então eu não fui. Mas já está pronto para inaugurar.

E eu preciso ir lá, não apenas inaugurar essa primeira parte da Universidade do ABC, como eu preciso ir lançar a pedra fundamental da extensão de São Bernardo do Campo. Porque a idéia é que quando tiver na sua totalidade plena, nós vamos ter por volta de 25 mil alunos, 15 mil em Santo André e 10 mil em São Bernardo. Nós trabalhamos com a hipótese de que a Universidade Tecnológica do ABC vai ser a mais importante universidade deste País.

Jornalista: Mas teria uma carência de mão-de-obra lá?

Presidente: Não, você sabe que é uma coisa, Lola, que eu sempre trabalhei com isso: eu nunca consegui compreender porque a região mais rica do País não tinha uma universidade pública federal. Eu nunca compreendi.

Jornalista: Na verdade, era uma reivindicação antiqüíssima do ABC.

Presidente: Então eu acho que é um feito extraordinário, e nós temos que ir lá inaugurar, sim. Porque aquilo que é bom, a gente tem que ir lá e mostrar que está bom, que está feito. Aquilo que for ruim, a oposição vai lá mostrar. Por que eu vou deixar? Por exemplo, São Bernardo não deu o terreno, nós compramos.

Jornalista: O prefeito Dib disse que não tinha que doar nada, porque não era uma área dele, como é que o senhor...



Presidente: Mas é um direito dele. Não é o que acontece com todos os prefeitos do Brasil. Eu vou dizer uma coisa: para fazer um Cefet, tem prefeitura, no Rio Grande do Sul, que saiu da sede da prefeitura, deu a sede para fazer a escola técnica e foi para outro lugar.

Agora, o Dib tinha dado um terreno, lá perto da Cacique Tibiriçá. Eu fiquei preocupado. Por quê? Porque ali eu conheço bem, é uma região de muita serração. Mesmo tendo rodoanel, em época de névoa você pode colocar alunos em risco, porque ali, quem já passou ali sabe o que é aquilo. Então, eu queria uma coisa no centro. No centro, para quê? Para atender Diadema, para atender São Bernardo, para atender São Paulo, para atender Santo André, perto da Via Anchieta, que é o grande corredor por onde passa o povo.

Então, ele não quis dar o terreno, nós vamos comprar. Fizemos a Caixa Econômica fazer a avaliação e compramos o terreno. E, agora, vou lá lançar a pedra fundamental, porque eu acho que é um grande feito. É um sonho. Eu já tinha um sonho realizado com o ProUni. O ProUni, no ABC, só para vocês terem idéia, o ProUni no ABC, em São Bernardo, nós temos 5.608 alunos fazendo universidade por conta do ProUni. Em Santo André, 2.608; em Diadema, 438; em Mauá, 69; Ribeirão Pires, 164; São Caetano, 690.

Só no estado de São Paulo são 117 mil jovens fazendo curso pelo ProUni. Este ano se forma a primeira turma.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Sessenta mil jovens se formam este ano. É a primeira formatura do ProUni.

_____: Apenas precisando, Presidente. Vinte e seis de maio, o PAC do ABC e Quarteirão de Diadema...



Jornalista: Ah, 26 de maio. Presidente, o senhor falou do Cefet, agora, do ProUni, principalmente o Cefet. É uma escola técnica que é um exemplo de educação. Em tudo, o Enem, não sei o quê, sempre as escolas federais de tecnologia estão no topo. Por que o resto da educação não consegue avançar nesse nível? Aliás, há uma disputa para entrar em colégio federal técnico.

Presidente: Qual é o problema? O problema é que a educação no Brasil, o ensino fundamental é da responsabilidade teoricamente do estado e dos municípios. Em alguns, são estados e outros são municípios. Então, o governo federal tem a orientação geral, o repasse de recurso, mas quem administra são os governos estaduais.

Com o PDE, nós estamos trabalhando para isso melhorar. Nós já fizemos acordo com todas as prefeituras do País, acho que tem uma meia dúzia que não fez acordo conosco. Fizemos acordo com os 27 governadores, para que a gente possa melhorar o nível do ensino na escola pública brasileira.

Agora mesmo fizemos um acordo com as telefônicas e vamos levar Internet banda larga para 55 mil escolas públicas urbanas brasileiras. Nós já temos laboratórios de informática em todas as escolas técnicas deste País. Eu acho que o resultado que a gente vai colher, daqui a 2, 3 ou 4 anos, é um resultado de melhora substancial na educação brasileira.

Agora, por que nós resolvemos apostar muito na escola técnica? Porque na hora que a economia brasileira começa a crescer, você começa a se dar conta que não tem mão-de-obra qualificada. Então você tem uma série... milhões de jovens que terminam o ensino fundamental, fazem o 2º grau e, depois, não conseguem trabalho, não têm profissão.

Então, o que está acontecendo no Brasil? De 1909, quando Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, até 2003, foram construídas, no Brasil, 140 escolas técnicas. Nós, em



8 anos, vamos construir 214 escolas técnicas. E vamos inaugurá-las todas antes. Nós estamos fazendo 10 universidades federais novas, 48 extensões universitárias. Estamos fazendo universidade para a América Latina. E, se Deus quiser, em dezembro, vamos inaugurar uma universidade Brasil-África, para os países de língua portuguesa e, quem sabe, estender para os outros.

Jornalista: Presidente, eu queria aproveitar agora – já me avisaram que o tempo está se esgotando – falar um pouquinho de política no ABC. A eleição do Luiz Marinho em São Bernardo é uma prioridade para o político Lula?

Presidente: Veja, eu tenho uma decisão, que é a seguinte: até por uma questão de manter, aqui em Brasília, um clima harmônico, eu tenho dito o seguinte: em todas as cidades que tiver mais que um candidato da base disputando eu, teoricamente, não posso ir lá. Porque fica uma situação muito constrangedora. Eu tenho dois partidos que me apóiam aqui, embora um seja o meu, o PT. Eu ir lá apoiar um candidato, o que vai acontecer? Quando terminarem as eleições, eu terei um clima de animosidade daqueles que perderam. Então, eu estou com essa idéia.

Agora, todo mundo sabe o que eu penso do Marinho. O Marinho é, na minha opinião, a melhor surpresa que o movimento sindical brasileiro produziu nos últimos anos, é o mais orgânico de todos os dirigentes sindicais, e o Marinho é um homem de uma seriedade, que eu conheço poucos com a seriedade dele e com o caráter dele.

Jornalista: Por que o PT vem perdendo... perdeu já tanta força em São Bernardo, nos últimos anos, Presidente?

Presidente: Eu acho que nós temos que ver o acúmulo de erros que nós cometemos. Nós começamos a cometer erros em São Bernardo do Campo



quando o dr. Maurício era prefeito. E, depois que o Maurício foi prefeito, ele queria indicar o candidato, foi derrotado numa convenção. Ele queria indicar o vice, foi derrotado numa convenção. O dr. Maurício era uma figura muito benquista no PT, era muito benquista no Sindicato. O dr. Maurício foi uma pessoa que levou uma parcela significativa de pessoas do PT a se afastar do PT. Na segunda eleição do dr. Maurício, quando o PT o apoiou no segundo turno, ele ofereceu ao PT participar do governo e o PT não quis participar. Aquele negócio absurdo que somente o PT pode fazer.

Eu me lembro quando nós apoiamos o Mário Covas no segundo turno. O Mário Covas ganhou da Marta por 0,6% de diferença e nós fomos trabalhar para o Mário Covas. O Mário Covas, em uma reunião comigo, ofereceu quase metade do governo de São Paulo para o PT. O PT decidiu: não queremos participar do governo. Então, é uma coisa daquelas absurdas: você ajuda a eleger e depois não quer participar. Então, nós cometemos esses erros em São Bernardo e colhemos aquilo que plantamos. Obviamente que o partido é muito forte e o partido tem um apelo muito grande. Várias pessoas do ABC viraram lideranças nacionais e portanto, saíram do ABC. Eu acho que o Marinho tem todas as condições de reconstituir o peso que o PT já teve em São Bernardo do Campo e ganhar as eleições. Eu estou convencido disso.

Jornalista: O PT já foi um partido mais forte. Das sete prefeituras, as duas gestões, tinha cinco prefeitos, hoje tem dois: o Filippi e o João Avamileno. Esse reflexo passou para as outras cidades, como é que o senhor ver isso numa região onde o PT nasceu?

Presidente: Vamos lembrar que Mauá estaria nas mãos do PT se não fosse a Justiça ter tirado, mas o Márcio ganhou as eleições. E certamente o Oswaldo é um grande candidato a prefeito, pode ganhar. Agora, eleição é isso, Sérgio. Se você analisar bem, o PT está governando Diadema desde 1982.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, só o PT. Nós ganhamos com o Gilson, depois ganhamos com o José Augusto, depois o Gilson saiu do PT e ganhou pelo PSB. Depois, nós ganhamos com o Filippi. Então, as disputas lá... Quais são os candidatos que tem Diadema? José Augusto, Gilson e Filippi.

Jornalista: Só petistas e ex-petistas.

Presidente: Então, eu acho que o PT produziu a oposição e a situação em Diadema. Eu, que comecei a entregar boletim na porta de fábrica em Diadema, em 1969. Diadema hoje virou uma cidade extraordinária. O que era Diadema na década de 70, e o que é Diadema hoje é um passo extraordinário. Eu acho que nós temos condições de ganhar em Santo André, São Bernardo, Diadema, Mauá. Não sei se Ribeirão Pires já definiu a candidatura.

Jornalista: Ainda não.

Presidente: Mas eu acho que nós temos condições. Nós sempre tivemos dificuldades em São Caetano do Sul. Agora, parece, que o Tortorello vai ser o nosso candidato, com o apoio de toda família do Tortorello, eu acho que isso é importante. E também já não tem mais a figura do Tortorello prefeito, portanto, eu acho que nós temos chance de ganhar em São Caetano também. Também temos que trabalhar com a hipótese de que eleição é isso, é um jogo de loteria, você ganha e você perde. O dado concreto é que eu acho que o PT é muito forte na região, o PT precisa apenas se organizar melhor e, nesse aspecto, eu acho que o Marinho tem todas as condições de dar mais solidez ao PT.



Jornalista: Eu queria contar para o senhor uma questão que o Ciro disse ontem, na sabatina da Folha. Ele agradece a Deus por não ter sido eleito em 2002. E ele disse que o senhor disse também que agradecia por não ter sido eleito em 89. É isso mesmo?

Presidente: É.

Jornalista: Eu queria que o senhor falasse sobre isso.

Presidente: Eu vou explicar porquê. Em 1989 o PT tinha só nove anos de existência. Eu me considerava mais sindicalista do que um político, então eu era muito mais de fazer pauta de reivindicação do que programa de governo. Eu acho que se eu tivesse ganho em 89, a gente poderia ter governado com uma radicalidade tão grande que poderia não ser benéfico ao País. Depois que eu perdi três eleições, isso me amadureceu, me fez conhecer melhor o Brasil, eu viajei mais o Brasil. Quando eu cheguei à Presidência, eu já cheguei com muitas experiências do PT em prefeituras, com muitas experiências do PT nos governos dos estados, com mais facilidade para construir alianças políticas. E eu acho que para o Ciro Gomes aconteceu a mesma coisa. Você não governa um país com a diversidade do Brasil com muita impetuosidade, não. Você tem que saber qual é a correlação de forças políticas, você tem que saber onde põe o pé, você tem que saber construir os passos que vai dar para não se chocar com os interesses, muitas vezes, seculares deste País, você precisa saber fazer as coisas de forma comedida, embora você faça a mesma coisa. Muitas vezes, a radicalidade verbal atrapalha mais do que uma ação radical que você tenha. Então, eu acho que o Ciro está certo. Eu acho que se o Ciro fez essa avaliação, significa que ele amadureceu de verdade, porque comigo aconteceu isso. Eu, depois de três derrotas...



Jornalista: O senhor estava pronto para ser presidente, em 89?

Presidente: Eu não vou dizer que não estava pronto. Eu poderia não estar tão pronto como eu estava quando eu ganhei, em 2002. E a vida é assim. Você vai perceber que daqui a 10 anos você estará muito mais pronta do que você está hoje. Essa é a beleza da idade.

Jornalista: Só para encerrar: o senhor estaria mais próximo de tentar – não agora, mais para frente – novamente a Presidência da República ou o Senado? O que lhe agrada mais?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa, Sérgio: é sempre muito difícil falar sobre isso, porque se eu falo para você... Outro dia eu falei que queria fazer o meu sucessor, teve gente que estranhou. Eu achei um absurdo! Estranho seria se eu não quisesse fazer o meu sucessor.

Eu não tenho nenhuma intenção de ir para o Parlamento. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Tudo o que espero na vida é que eu termine o meu mandato com muita saúde, que eu consiga eleger quem vai me suceder, vou viver a minha vidinha lá em São Bernardo do Campo, e deixar a pessoa eleita governar o País.

Eu vou ensinar a alguns ex-presidentes como é que um ex-presidente precisa se comportar. Um ex-presidente não dá palpite. Um ex-presidente, se chamado, ele dá opinião. Se não chamado, ele fica quieto. Essa é a contribuição que eu posso dar.

Tem gente que fala o seguinte: “Mas você voltaria em 2014?” Para eu voltar em 2014 teria que ser eleito um inimigo meu aqui no governo. Se tiver um sucessor meu, que eu tenha trabalhado para essa pessoa ganhar, é normal que essa pessoa tenha direito a uma reeleição, como eu tive. Como é que eu vou ficar no pé? Eu vou arrumar essa pessoa como inimiga.



Hoje a minha cabeça funciona assim: oito anos é um bom tempo para alguém governar o Brasil e ficar quieto depois.

Jornalista: Só para terminar: Palmeiras ou Ponte? Para onde vai essa final?

Presidente: Eu vou lhe contar uma coisa que é difícil: eu vivo um drama na minha vida. Qual é o drama? Eu sou corintiano desde 1953. Todos os meus filhos são corintianos, com exceção do mais velho, que é sãopaulino. Agora, o meu filho caçula resolveu ser técnico. Trabalhou dois anos no São Paulo, na categoria de base, e agora está trabalhando com o Wanderley Luxemburgo.

E está acontecendo comigo uma coisa que eu luto contra para não acontecer, que é o prazer de ver o Palmeiras ganhar, para ver o meu filho feliz.

Jornalista: Para ver o filho, vale tudo, até torcer para o Palmeiras?

Jornalista: É um conflito.

Presidente: O que eu quero é que meu filho se dê bem. Ele está vivendo, acho, o melhor momento da vida dele, ele está feliz da vida. Eu estava em Acra, e liguei para saber qual foi o jogo entre Palmeiras e São Paulo, porque eu queria que o Palmeiras ganhasse do São Paulo. Obviamente que para a vida dele será muito bom se o Palmeiras for campeão.

Jornalista: Certo. Mas para um coração corintiano...

Presidente: Coração corintiano é coração corintiano.

Jornalista: E a presidência do Corinthians?



Presidente: Não, pelo amor de Deus.

Jornalista: Essa, então...

Presidente: Eu, não sendo presidente, quem sabe um dia eu possa até ajudar o Corinthians, participar de alguma coisa no Corinthians. Não com cargo oficial, mas freqüentar...

Jornalista: É mesmo? Mas teria prazer?

Presidente: Teria. Eu gosto de futebol. E eu gostaria de dar um conselho, de freqüentar mais um pouco o Corinthians. Eu nunca freqüentei, e também não é bom misturar política com futebol, que não dá certo.

Jornalista: Depois é outra história, não é? De cabeça fresca...

Presidente: Depois é outra história.

Jornalista: Presidente, muito obrigada pela atenção.

Presidente: Está bom. Mas quero só desejar ao Diário do Grande ABC muito, muito progresso e muito sucesso daqui para a frente. Eu, que vivo há quase 40 anos no ABC, eu sei da importância do Diário do Grande ABC, eu sei o que ele representa para 2 milhões e meio de pessoas que moram ali. Eu quero que o Diário do Grande ABC se transforme, cada vez mais, num jornal que seja uma marca registrada do ABC, preocupado com a história do ABC, preocupado com a economia do ABC, preocupado com a política do ABC.

Então, a vocês, jornalistas, e à direção do Diário do Grande ABC, toda a sorte do mundo.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31DHJLP)